

Enfermeiros capacitados são essenciais na promoção da qualidade de vida e suporte humanizado a quem possui necessidades íntimas de saúde

Programa Coloplast Ativa, que oferece atendimento gratuito e personalizado a estomizados e pessoas com incontinência urinária, chega a 115 mil atendimentos em 18 anos no Brasil, onde é referência nesse segmento

Imagem: Can Stock Photo



Segurança, qualidade de vida e apoio personalizado. Estas são as metas do programa Coloplast Ativa, da Coloplast, empresa nascida na Dinamarca, em 1954, atuando no Brasil desde 1999 e que oferece produtos voltados para pessoas com condições médicas muito pessoais e realmente íntimas, como bolsas coletoras para fezes e urina, cateteres urinários para quem sofre de disfunção miccional e curativos para feridas crônicas. São situações em que as pessoas necessitam de orientação correta e individualizada, para que possam tirar todas as dúvidas e escolher os produtos mais adequados à sua condição de saúde. A proximidade com os usuários finais e profissionais da área da saúde é uma marca da companhia e que tem no programa global Coloplast Ativa um enorme reconhecimento nos 140 países em que está presente. O programa oferece atendimento individualizado e suporte aos usuários gratuitamente e de forma ininterrupta, em todas as fases: da adaptação aos produtos ao retorno à rotina de vida.

Por isso, o programa Coloplast Ativa conta com atendimento personalizado de cerca de 60 enfermeiros(as) especialistas, atendimento telefônico pela Central Ativa, com aproximadamente 20 enfermeiras, psicólogos, fisioterapeutas e nutricionistas, e contato via e-mail por um ano, com conteúdos e dicas de, por

exemplo, como viajar, quais roupas usar, alimentação, atividade física etc. “Lançado em 2002 no Brasil, o Coloplast Ativa está em todo Brasil, presencialmente e/ou por telefone, e já atendeu mais de 100 mil usuários com estomia e, desde 2011, mais de 15 mil que realizam o cateterismo intermitente”, destaca Luiz Tavares, diretor geral da Coloplast no Brasil.

O Coloplast Ativa também orienta os usuários sobre como e onde obter acesso aos produtos Coloplast via SUS, convênio e varejo. É indicado o contato com as operadoras de planos de saúde e/ou polos de dispensação, para agendamento e consulta de quais produtos estão disponíveis no atendimento público. Caso alguns produtos necessários não estejam acessíveis via SUS e planos particulares, eles podem ser adquiridos também pela loja online Coloplast, com 20% de desconto em todas as compras.

“É um programa que mostra quem somos e nossa missão de construir uma relação duradoura com os usuários, tornando a vida deles melhor. A confiança deles se firma à medida em que se sentem apoiados e a qualidade dos produtos é atestada com o seu uso diário e permanente”, finaliza o diretor geral da Coloplast Luiz Tavares.

Fonte: Coloplast, por meio da assessoria de imprensa.

Doenças infecciosas atingem 1,97% dos privados de liberdade

Estudo com dados de 28 presídios do oeste e noroeste paulista resulta em artigo publicado em revista europeia

Imagem: Divulgação



Estudo científico da Unoeste fez a avaliação da prevalência do vírus da Aids, hepatites, sífilis, tuberculose e suas co-infecções em população carcerária de 28 presídios das regiões oeste e noroeste de São Paulo. Dentre mais de 37 mil indivíduos privados de liberdade, 741 foram diagnosticados com uma ou mais doenças estudadas, o que representou 1,97%. Percentual que pode estar abaixo da realidade, especialmente para sífilis e as hepatites B e C, deixando o entendimento da necessidade de melhorias nos diagnósticos.

Existem alguns motivos indicativos de haver desigualdade entre o apurado estaticamente e o que existe de fato, detectados pela pesquisa. Um é a limitação dos trabalhadores nas equipes de saúde no sistema prisional, assim como ocorre com os da área de segurança. Outro é o do médico do presídio ser generalista, sendo que o diagnóstico de várias doenças precisa de um especialista. Por fim, tirar o detento da cela e fazer o transporte até o especialista é uma espécie de operação de guerra.

Problemas de saúde em sistemas prisionais têm sido preocupação mundial, o que desperta atenção para a pesquisa desenvolvida na Unoeste e publicada pela revista científica europeia *BMJ Open Science*, de grande impacto e visibilidade. Realizado pela médica cardiologista Charlene Troiani do Nascimento, com a orientação do médico infectologista Dr. Euribel Prestes Carnei-

ro, o estudo compreendeu o levantamento de dados no período compreendido entre novembro de 2017 a outubro de 2018.

Os locais estudados são área de circunscrição da Coordenação de Unidades Prisionais do Oeste Paulista (Croeste), e duas regiões de grandes concentrações de presídios do estado que tem a maior população carcerária brasileira. A metodologia empregada compreendeu o levantamento de dados mediante questionário preenchido com informações por equipes de saúde de cada uma das 28 unidades prisionais, abrigando na época 37.947 encarcerados.

A maior prevalência foi de portadores do HIV, o vírus da Aids, representando 0,68%. Na sequência: tuberculose (0,66%), sífilis (0,2%), HCV, o vírus da hepatite C (0,2%) e HBV, o vírus da hepatite B (0,04%), sendo que o HIV e a sífilis foram as co-infecções mais presentes entre os 741 privados de liberdade, com idade média próxima de 36 anos, indo de 19 a 91 anos e período médio de encarceramento de dois anos e sete meses. O estudo mostra ainda que apenas três mulheres fazem parte, o que mostra a predominância de homens nos presídios das duas regiões.

“O estudo demonstrou que o número de casos de doenças infecciosas em privados de liberdade das regiões noroeste e oeste de São Paulo está abaixo do esperado, especialmente para as hepatites e sífilis. Isso representa um desafio para a saúde dessas pessoas. Melhorias no diagnóstico, principalmente para redução da hepatite viral, são cruciais para benefícios aos privados de liberdade e da população em geral”, disse o Dr. Euribel.

O estudo fez parte do conteúdo da dissertação produzida por Charlene, no Mestrado em Ciências da Saúde, com a participação em iniciação científica do estudante Danilo Zangirolami Pena, da Faculdade de Medicina de Presidente Prudente (Famepp/Unoeste), onde a médica e seu orientador são docentes. Pelo mestrado em Ciência Animal, os envolvimento são do professor médico veterinário Dr. Rogério Giuffrida e a mestranda, também médica veterinária, Fernanda Nobre Bandeira Monteiro.

Outros dois envolvidos são o Dr. Francisco Assis da Silva, vinculado à Faculdade de Informática de Presidente Prudente (Fipp) e Dr. Edilson Ferreira Flores, da Faculdade de Ciências e Tecnologias, campus da Unesp em Presidente Prudente (FCT/Unesp). O artigo “Prevalência e características epidemiológicas de privados de liberdade com doenças infecciosas em região com elevado número de presídios no estado de São Paulo, Brasil”, pode ser acessado pelo site da BMJ.

Fonte: Unoeste

Philips promove evento para falar sobre o futuro da saúde digital

A 7ª edição do Connect Day, que tem com o tema "Saúde mais tecnológica, preditiva e integrada" reunirá os principais players e instituições de saúde do Brasil e América Latina.

Os impactos da COVID-19 será um dos temas tratados no evento.

Em um ambiente totalmente digital, a Royal Philips, líder global em tecnologia da saúde, realiza pelo sétimo ano consecutivo mais uma edição do seu principal evento, o Connect Day, que reúne instituições de saúde de todo o país e da América Latina, além de empresas de tecnologia para compartilhar e apresentar inovações para o segmento. O evento, que acontece nos dias 6 e 7 de outubro e tem como tema central "Saúde mais tecnológica, preditiva e integrada", ganha destaque especial por conta do atual cenário, com palestras que abordarão o novo cotidiano e o futuro do setor no pós pandemia. A expectativa é reunir mais 2.500 participantes.

"Acreditamos que, para aprimorar e transformar o sistema de saúde da América Latina como um todo, é preciso inovar e cocriar com nossos parceiros e investir em novos modelos de negócios e em soluções que visam cobrir alguns gaps, além de melhorar toda a cadeia. Por isso, anualmente, reunimos os principais players do mercado para dois dias de imersão, promovendo esse intercâmbio de ideias e boas práticas" explica Fábria Tetteroo-Bueno, CEO Latam da Philips.

A sétima edição do Connect Day contará com palestras e painéis que terão speakers nacionais e internacionais e abordarão a transformação digital do setor de saúde; as mudanças provocadas pela pandemia da COVID-19; as novas regras da LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados); a importância da interoperabilidade no aperfeiçoamento do atendimento ao paciente; como as soluções em nuvem podem ajudar as instituições, entre outros temas relacionados a Oncologia, Radiologia e Cardiologia.

Levando em consideração o atual cenário, no qual a interoperabilidade (conexão dos sistemas) e os dados do paciente são essenciais para a tomada de decisões clínicas, devido a gravidade e a rápida disseminação do coronavírus, é imprescindível essa troca entre as instituições do setor, visando o compartilhamento de informações, de maneira segura e sem comprometer a privacidade de dados dos indivíduos. A Philips, por exemplo, vem trabalhando e auxiliando equipes de TI com o objetivo de construir essas conexões para facilitar o atendimento ao paciente, por meio de plataformas digitais que auxiliam no diagnóstico preciso, fornecem todo o histórico médico, proporcionando um tratamento mais assertivo, e garantem ainda a proteção de dados.

"O setor se move rumo a uma abordagem centrada no pa-

ciente, focada em cuidados que enfatiza a saúde e bem-estar. Para isso, é preciso que as instituições de saúde invistam em registros eletrônicos de saúde, por exemplo, que permitem acessar todos os dados necessários para medir a qualidade dos cuidados e do tratamento. No entanto essas plataformas de tecnologia devem fazer muito mais do que gerar informações. Essas soluções precisam compartilhar esses dados, permitindo maior qualidade, menor custo de cuidados para mais pacientes" exemplifica Tetteroo-Bueno.

A Philips, por exemplo, acaba de aprimorar o seu sistema de gestão de saúde, o Tasy EMR, e agora oferece também a arquitetura em nuvem. Uma vez que toda a instalação da solução em Cloud, configuração e gestão do ambiente de servidores passam a ser responsabilidades da Philips, as instituições de saúde podem realocar seus recursos para outras atividades importantes, concentrando-se em seu principal objetivo: oferecer um atendimento de excelência aos seus pacientes, além de aprimorar e facilitar o dia a dia do profissional de saúde, gerando dados em tempo real para diagnósticos precisos.

"Existe uma grande oportunidade na América Latina para reduzir os custos dos cuidados com saúde e criar um sistema mais sustentável e inclusivo. Nossa estratégia para 2020, na região, visa transformar o setor, maximizando o uso das novas tecnologias dentro do conceito de health continuum, com soluções e inovações que ajudam a cumprir o que chamamos de quadruple aim: diagnóstico preciso e tratamentos assertivos para prevenção de doenças; melhor experiência do paciente; maior satisfação dos profissionais de saúde e menor custo para as instituições de saúde" explica Tetteroo-Bueno.

Hoje, a Philips tem como compromisso melhorar a vida de três bilhões de pessoas por ano, até 2030, e para isso combina o poder da Inteligência Artificial com o conhecimento humano, para criar soluções que se adaptam às necessidades de toda a cadeia de saúde. "A tecnologia digital e inovação são capazes de transformar a experiência dos pacientes, facilitar a prevenção de doenças, prover diagnósticos mais claros e rápidos, além de permitir mais qualidade de vida" finaliza Patrícia Frossard, Country Manager na Philips Brasil.

Fonte: Philips, por meio da assessoria de imprensa

Telemedicina ao alcance de todos os brasileiros

Programa de benefícios da MedLevensohn permite o acompanhamento virtual de doenças crônicas, como o diabetes



Imagem: Pexels

Com a chegada do novo coronavírus, muitos brasileiros deixaram de sair de casa para praticamente tudo, inclusive ir ao médico. Habituais antes da pandemia, consultas rotineiras, para o controle de glicemia, hipertensão, colesterolemia e doenças crônicas em geral, foram desmarcadas pelos médicos ou "esquecidas" pelos pacientes.

Com o avanço da Covid-19 e a necessidade de fornecer assistência a essas pessoas, um serviço vem ganhando força e revolucionando o relacionamento entre médico e paciente: a telemedicina.

"Essa modalidade ampliou o escopo de atuação dos médicos. Tanto que muitos já pensam em migrar de vez para o atendimento online e não ter mais consultórios físicos. Em algumas especialidades é possível até mesmo coordenar todo o tratamento remotamente, inclusive com o envio de exames", explica Paulo Sampaio, Gerente Nacional de Estratégia da MedLevensohn.

Dentre os exames, o executivo destaca o teste de glicemia e a aferição da pressão arterial, reforçando que a leitura desses indicadores pode ser feita, inclusive, na casa do paciente, utilizando aparelhos próprios.

Para auxiliar nessa tarefa, a MedLevensohn desenvolveu o MedBem, um programa capaz de monitorar e gerenciar a saúde de pacientes crônicos, proporcionando uma intervenção precoce e atendimento individualizado, com alto grau de confiabilidade, precisão e segurança. Trata-se de uma plataforma digital que disponibiliza os resultados dos testes em nuvem e pode ser

acessada tanto pela pessoa quanto pelo médico.

Além disso, para que o paciente possa ser acompanhado de maneira completa, a MedLevensohn criou o Programa de Benefícios MedLevensohn, que permite ao paciente obter descontos nas tiras para realização dos testes, acesso à plataforma digital para monitorar os índices diariamente e o atendimento remoto, utilizando serviços de telessaúde, um dos mais completos do mercado.

"Durante o atendimento, que pode ser via telemedicina ou presencial, o paciente recebe orientações médicas quanto aos procedimentos para a realização dos testes, adquire as tiras utilizadas no equipamento e envia os resultados que serão discutidos em sua próxima consulta. Nesse sistema, o médico utiliza a plataforma MedBem para acompanhar os resultados dos pacientes", pontua Sampaio, que acrescenta a utilidade desse sistema na manutenção dos tratamentos médicos.

"O que se observa é que alguns pacientes são indisciplinados, não têm aderência ao controle da doença e acabam dificultando o tratamento. Mas, com o MedBem, o médico pode acompanhar a distância todo esse processo e saber como seu paciente está evoluindo. Ele recebe alarmes e informes que darão o direcionamento e assim poderá corrigir problemas que venham a ocorrer", completa o Executivo da MedLevensohn.

Adesão à tecnologia e futuro da telemedicina

Estudo divulgado recentemente pela Sociedade Brasileira de Diabetes indicou que 45% dos pacientes que receberam treinamento técnico para utilização correta do sensor de glicemia em conjunto com orientações sobre atitudes de curto prazo para melhorar sua qualidade de vida adotaram a tecnologia para o acompanhamento de seu índice glicêmico, experimentando também queda nesse indicador.

Tal resultado pode ser interpretado pelo Gerente Nacional de Estratégia da MedLevensohn como um indicador de que a telemedicina é um modelo que veio para ficar, já que, graças ao uso da tecnologia, facilita o controle de comorbidades. Contudo, o executivo acredita que há espaço para o modelo presencial de consultas.

"O virtual pode conviver com o presencial. Um complementaria o outro e, com a possibilidade da telemedicina, pequenos problemas, como dores, por exemplo, poderiam ser resolvidos sem a necessidade do deslocamento. Médicos e pacientes saem ganhando com essa modalidade", finaliza.

Fonte: MedLevensohn, por meio da assessoria de imprensa

Hospital de transição chega a São José dos Campos.

Royal Care é referência em hospitais de transição no Brasil e o primeiro na cidade

Imagem: Shutterstock



O Royal Care Hospital de Transição, chega a São José dos Campos com o objetivo de oferecer uma especialidade de tratamento e de cuidados que não é encontrada em hospitais gerais e de alta complexidade.

Esta será a segunda unidade da rede, que já conta atualmente com a matriz em Vitória, Espírito Santo. Para o presidente do Grupo Royal Care, o objetivo é levar para a população Joseense o que existe de mais inovador no mundo. "O nosso propósito é promover um atendimento mais humanizado através de cuidados específicos e multidisciplinares com um olhar especial para a reabilitação e recuperação de paciente crônicos, garantindo que o paciente tenha uma estadia mais prazerosa no hospital e mais qualidade de vida, independente do quadro clínico", explica o Gustavo Ribeiro, CEO do Grupo.

Dentro do hospital são oferecidos todos os recursos necessários para uma boa recuperação e reabilitação, como fisioterapia, nutrição, psicologia, assistência social, fonoaudiologia, farmácia, enfermagem especializada em feridas e ventilação mecânica. Essa multidisciplinaridade faz do Hospital de Transição Royal Care um serviço único no atendimento hospitalar.

São 3 tipos de serviços disponibilizados no Royal Care:

TRANSIÇÃO

Alternativa à desospitalização quando o home care não é uma opção possível, seja por ambiente inadequado, ausência de cuidador, ou até motivos clínicos. Foco na otimização da capacidade funcional e na preparação do paciente e da família para os cuidados de longo prazo, quando possível em ambiente doméstico. Paciente indicado pelo hospital geral/alta complexidade ou home care 24h que complica por algum motivo e depois permanece na instituição e não pode mais retornar para a casa.

Ex: Acidentes graves e processos degenerativos.

PALIATIVO

Cuidados paliativos para pacientes oncológicos ou não.

Ainda que não no final da vida, fica por um período, apresenta melhora, aumento do conforto e alívio com a situação e volta para casa. É comum o retorno para o hospital de transição para ter o término de vida com melhor qualidade e dignidade. Ex: Pacientes com câncer incurável, demência avançada.

LONGA PERMANÊNCIA

Pacientes com indicação para o cuidado de feridas e curativos complexos, distúrbios nutricionais elegíveis a nutrição enteral e parenteral, ventilação mecânica permanente, internações prolongadas.

Possui similaridade com os casos do Longa Permanência, porém com gravidade menor e situação "curável" ou menos agressiva, quando depois de um período (normalmente entre 30 e 60 dias) ele pode retornar para casa de forma segura. Ex: AVC, cirurgias ortopédicas como uma fratura de fêmur.

Nós entendemos que muitas vezes o home care não é possível para a família, por diversos motivos, por isso estamos aqui, para oferecer uma opção segura e humanizada", finaliza o Ribeiro.

Para o plano de saúde, a opção do hospital de transição também é uma possibilidade positiva. "Em média, o plano de saúde chega economizar 70% do valor da internação quando utilizado o modelo de transição. Somos reconhecidos por toda a nossa competência, nossa ética, respeito, acolhimento e comprometimento por cada um que passar pelo nosso hospital", complementa Gustavo.

Fonte: Hospital Royal Care, por meio da assessoria de imprensa